

# ORIGENS ANGLO-SAXÃS DA INGLATERRA: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA DOS BRETÕES DE NENNIUS

*Data de aceite: 02/05/2024*

**Gabriella Sontag Neves**

## INTRODUÇÃO

**RESUMO:** O artigo proposto busca analisar a obra “História dos Bretões”, atribuída ao monge Nennius, como uma fonte crucial para compreender a Inglaterra Anglo-Saxã. Apesar da escassez de registros escritos durante os primeiros séculos pós-Roma, a obra de Nennius oferece insights valiosos sobre esse período. O monge compilou informações de diversas fontes, incluindo tradições orais e escritos anteriores, para narrar a chegada dos anglo-saxões, os conflitos subsequentes e até mesmo a lenda do Rei Arthur. A análise contextualiza Nennius como um produto de seu tempo e localização geográfica, destacando sua visão negativa dos invasores saxões e sua influência do conhecimento bíblico. Ao explorar as intenções do autor e a presença de elementos mitológicos em sua obra, o artigo oferece uma compreensão mais profunda da “História dos Bretões” e de seu papel na historiografia anglo-saxã.

**Palavras-chave:** Anglo-saxões, Nennius, Bretões, Inglaterra.

A história da Inglaterra Anglo-Saxã é um tema extensamente estudado pelos historiadores ingleses e de demais partes do mundo, buscando preencher lacunas deixadas pela falta de fontes durante os primeiros séculos após a saída dos romanos da ilha. Por conta da falta de fontes escritas no período, especialmente os séculos V e VI, se chamou o período de ‘Idade das Trevas’, entretanto o nome se tornou popular e acabou sendo utilizado para descrever toda a Idade Média em todos os lugares, como um período de falta de conhecimento, liberdade e extremas crenças religiosas, quando se referia apenas à um período com poucas fontes.

Apesar de escassas, existem fontes que falam sobre o período da chegada dos anglo-saxões na Inglaterra, ainda que escritas em posterioridade. A fonte escolhida para essa análise é a História dos Bretões, de autoria atribuída ao monge Nennius, que viveu no século IX e escreveu sobre o período de chegada dos

romanos na Inglaterra, bem como após a saída destes, a chegada dos anglo-saxões e os conflitos que se sucederam, ele também narrou um pouco da história de São Patrício e é a primeira fonte conhecida que cita o Rei Arthur, Nennius também faz genealogias de reis e governantes da Inglaterra e fala das maravilhas da ilha.

Para escrever sua 'História dos Bretões', Nennius afirma ter usado todas as fontes que pôde encontrar, tal como os Anais dos romanos, Crônicas de santos padres, como Jerônimo, Eusébio, Isidoro, Próspero, Anais dos escotos e dos saxões e também histórias passadas oralmente.

Para análise dessa fonte será feita uma pesquisa bibliográfica buscando inserir a fonte em seu contexto histórico, bem como seu autor, que escreve da perspectiva de um monge que viveu na região onde hoje se localiza o País de Galês, e que possuía uma visão negativa sobre os invasores saxões. Deve ser levado em conta que Nennius também não viveu nos períodos em que narra, seja a conquista romana ou anglo-saxã, então suas narrativas frequentemente são embasadas em outros escritos ou em conhecimento popular e folclórico sobre o tema.

Nennius possuía intenções quando escreveu a História dos Bretões, e isso se torna claro com a leitura e análise do texto. Bem como também é perceptível sua intenção em encaixar o que ele sabe e cooptou das fontes que teve acesso ao conhecimento bíblico, como quando reflete de qual filho de Noé os primeiros habitantes da ilha da Bretanha são oriundos.

Neste trabalho, será discutido a respeito das informações obtidas a respeito do autor, bem como algumas observações sobre sua obra, como o fato dele abordar alguns temas mitológicos, também se irá contextualizar História dos Bretões de Nennius em seu tempo e espaço, entendendo o autor como uma figura de seu tempo, inserido em uma cultura e com crenças próprias que transparecem em seu trabalho, por fim, será feita uma análise sobre o texto de História dos Bretões, com apoio bibliográfico de outros autores.

## **DETALHES OBRA**

Há pouca informação a respeito de quem foi Nennius, até mesmo se ele fora realmente o único autor da História dos Bretões, mas convencionalmente se atribui a Nennius, um monge galês, a autoria da obra.

Edmond Faral enquanto afirma que a História dos Bretões tem algumas características de contos populares e quase infantis e de estilo amorfo, também é possível perceber que houve um esforço de combinar processos de informação, conhecimento e intencionalidades que denunciam no autor um clérigo de certa experiência (FARAL, 1929, p. 73 *apud* Donnard, 2009, p. 4). Assim, assumiremos a convencionalidade de também atribuir a autoria de História dos Bretões a Nennius, um monge que viveu na região onde hoje se localiza o País de Galês, mas no período era um reduto celta entre os anglo-saxões e dinamarqueses, que dominavam quase a totalidade da ilha.

A edição de História dos Bretões utilizada para este trabalho se encontra disponível no livro “Testemunhos da História: Documentos de História Antiga e Medieval” organizado por Ricardo da Costa (2003), e o texto de Nennius fora traduzido por Adriana Zierer e revisado pelo organizador. O texto está disponível integralmente na internet, no *website* do próprio autor.

Sobre a vida de Nennius, não se há muita informação disponível. Em seu livro, ele afirma ser discípulo de São Elbotus, um bispo galês que viveu no século VIII e faleceu no ano de 809. São Elbotus fora o bispo que convencera a igreja em Galês a aceitar a data convencional da Páscoa, como se estabeleceu por Roma, mas foi recusado pela igreja galesa ainda no século VII e fora endossado na Inglaterra no ano de 664 (JENKINS, 1959).

Nennius afirma que escreveu essa obra por estar “indignado que o nome do meu povo, outrora famoso e distinto, pudesse afundar para o esquecimento, e como fumaça ser dissipado” (NENIUS, 2003). Nennius também fala que decidiu ser historiador dos bretões, e que outros já fizeram o que ele estava fazendo, compilar fontes e escrever uma história da Inglaterra, mas que ele também o faria, não por inveja, mas por que quer beneficiar aqueles que puderem conhecer seu trabalho.

Os escritos de Nennius, ainda que sua intenção anunciada tenha sido escrever a história de seu povo e tenha utilizado de outros autores para se embasar, são compostos de relatos fantásticos (GONZALES, 2015). Gonzales enumera alguns pontos onde a narrativa se torna mitológica no texto de Nennius, como quando ele acompanha a vida de São Germano, e também se pode acrescentar a chegada dos anglo-saxões e governo de Vortinger, bem como o início do mito Arturiano e na narrativa de São Patrício.

Essa mistura de fatos que podem ser confirmados por outras fontes e narrativas mitológicas pode se dever à compilação de diversos materiais que Nennius utilizou para escrever sua História dos Bretões, bem como a tradição bárdica gaulesa e também o fato de Nennius ser um bispo cristão. Quando Nennius escreve que São Germano podia ressuscitar pessoas, ele muito provavelmente o faz porque acreditava nisso, ou porque queria que outros acreditassem.

Nennius escreveu a obra História dos Bretões no início do século IX, quando a Inglaterra sofria com as ondas de invasões dinamarquesas e a Heptarquia (governo dos sete reinos anglo-saxões) estava em decadência. Nennius, como bispo cristão, odiava os pagãos anglo-saxões que dominavam a ilha, e também não tinha opiniões positivas sobre os pagãos dinamarqueses que estavam invadindo, e ele deixa claro no texto quando afirma que é uma punição divina, tanto aos pagãos britânicos que primeiro foram despojados de suas terras, quanto aos anglo-saxões pecadores que estão sendo saqueados pelos dinamarqueses.

## A INGLATERRA NO SÉCULO VIII E IX

Como o texto de Nennius fora escrito no início do século IX, se deve entender que seu autor viveu no século anterior, sendo este também importante para a localização temporal da obra.

O século VIII (701-800) na Inglaterra fora um período de conflitos internos entre os povos anglo-saxões que dominavam grande parte da ilha, com apenas algumas regiões que os invasores germânicos não conseguiram alcançar como o norte da Escócia e o País de Gales.

Entretanto, Offa, rei da Mércia, um dos principais reinos da heptarquia, conseguira dominar uma parte do País de Galês no final do século, subjulgando os britânicos que lá viviam. Offa era um Bretwalda, um título militar dado aos reis que conseguiam dominar outros reinos e outros reis, e Offa conquistou, dentre outros reinos menores, o Reino de Kent. A importância de Offa e do reino da Mércia no período se torna clara quando ele possuía correspondências com Carlos Magno, rei dos Francos, e este queria organizar um casamento de um de seus filhos com uma das filhas de Offa, mas o rei da Mércia queria uma princesa Carolíngia para se casar com seu filho e Carlos Magno não aceitou dar uma de suas filhas (YORKE, 2003).

Offa manteve boas relações com a Igreja Romana, possuía devoção pessoal à São Pedro e em nome dele construiu muitas igrejas em seus domínios. Prova de suas boas relações com o papado é que em 789 fora enviado o primeiro emissário do papa para a Inglaterra desde os tempos das missões gregorianas de cristianização (YORKE, 2003). Entretanto seu interesse na igreja não era totalmente altruísta, ele obteve dispensa papal para que os mosteiros que ele fundou permanecessem em sua família, sendo passados como herança (YORKE, 2003).

A respeito das batalhas contra os nativos do País de Gales, Yorke (2003) aponta que os galeses atacavam com frequência a Mércia e que fora necessário para a proteção de suas fronteiras a construção de uma forte defesa contra os galeses. Essa defesa veio da forma de um dique, que ficou conhecido como o Dique de Offa, o lado galês possuía um fosso cavado, enquanto o lado da Mércia possuía terra empilhada formando uma barreira. A criação do Dique por si só já sugere que houve vários conflitos entre os galeses e a Mércia, e que uma defesa era muito necessária. Entretanto os conflitos entre os galeses e a Mércia não acabaram, e ao longo do século IX houve diversos embates, o que pode ter fomentado uma visão negativa dos anglo-saxões no autor Nennius.

Ao mesmo tempo, a Inglaterra estava sofrendo com as ondas de invasores vikings, que desde no final do século VIII começaram a sair da Escandinávia e passaram a invadir e saquear outros reinos. No ano de 853 os vikings chegaram ao País de Gales e tomaram Anglesey, uma ilha de população antiga, pré-romana, que era historicamente associada aos druidas, mas um rei galês conseguiu derrotar o líder viking e mais tarde formaram uma aliança contra Northumbria, que só foi desfeita após Alfredo, o Grande, fazer uma aliança com os galeses (CHARLES-EDWARDS, 2001).

A respeito da religião em Gales, Davies (1982), afirma que a região era predominantemente cristã, e que, como em grande parte da Inglaterra, havia um forte monasticismo rural, com muitos mosteiros e mosteiros, que tornavam o cristianismo na Grã-Bretanha particular do continente. Foi nesse contexto de cristianismo monástico e rural que Nennius viveu.

Durante o século IX, as invasões Vikings na Inglaterra estavam ocorrendo frequentemente, durante os primeiros anos os nórdicos apenas saqueavam, matavam e partiam de volta para sua terra. No ano de 865 a natureza dos ataques dos daneses mudou, se antes eram esporádicos, passaram a ser coordenados e os vikings vinham em grande número, esse fato ficou conhecido como o “Grande Exército Pagão” que vinha atacar e dominar a Inglaterra. Dentre os guerreiros do exército pagão estavam os filhos do lendário Ragnar Lothbrok, que conseguiram conquistar um grande território na ilha da Bretanha, e esse território fora chamado de Danelaw, nas terras que pertenciam à Mércia, Anglia Oriental, Northumbria, Essex e Wessex (GONZALES, 2015).

Fora nesse contexto de invasões vikings e anglo-saxãs na região de Gales que Nennius viveu, explicando assim sua visão negativa de ambos os povos, mas principalmente dos germânicos, já que estes foram diretamente responsáveis pela derrota dos romanos e britânicos que viviam na Inglaterra.

## ANÁLISE DE FONTE

A obra de Nennius segue um caráter hagiográfico, como diversas obras medievais, e busca não apenas narrar a vida de alguns santos populares na Inglaterra, como São Germano e São Patrício, e também demonstrar seus milagres, suas boas obras e sua fé. Também constrói em diversos pontos uma narrativa ligada à religião cristã, a qual o autor compartilhava a fé.

Logo de início, Nennius traça uma temporalidade que vai desde Adão e Eva até o período em que ele vive, também trançando uma historicidade da Ilha da Bretanha, que, segundo ele, herda seu nome de um cônsul romano chamado Bruto. Nennius fala sobre como a ilha é composta geograficamente, os povos, principais rios e ilhas adjacentes.

Nennius discute sobre como ocorreu a população da ilha após o Dilúvio, pois esta era uma importante questão para os religiosos durante a Idade Média e início da Era Moderna, encaixar a narrativa bíblica nas descobertas e estudos realizados. E a questão do Dilúvio era fundamental para a teologia, então era preciso que toda explicação ‘científica’ partisse do pressuposto que o Dilúvio ocorreu e a terra fora repovoada após o seu fim. Nennius demonstra isso no trecho:

“Com relação ao período que essa ilha foi habitada depois do dilúvio, vejo duas relações distintas. [...] Após o dilúvio, os três filhos de Noé ocuparam respectivamente três partes da terra: Sem estendeu suas fronteiras até a Ásia, Cam até a África e Jafé até a Europa.” (NENNIUS, 2003).

Nennius traça uma linhagem que vai desde o que ele chama 'o primeiro homem que habitou a Europa', até a linhagem de Noé, e principalmente, de Bruto, o primeiro habitante da Bretanha, até Noé. A participação da narrativa bíblica de como ocorreu a dispersão populacional na Europa e na Bretanha fora resolvida, então Nennius explica como ocorreu o povoamento da Bretanha, quais os povos que originalmente formaram a população da ilha no momento de chegada dos romanos no século I a.C.

De acordo com os Anais da história romana, os bretões deduzem que sua origem foi tanto de gregos quanto de romanos. [...] depois de um intervalo de não menos de oitocentos anos vieram os pictos [...] muito depois disso os escotos chegaram à Irlanda pela Espanha." (NENNIUS, 2003).

Assim, a questão da origem dos bretões estava resolvida, eles vieram de gregos e romanos que imigraram para a Ilha muito tempo antes do Império Romano se expandir, e os demais povos chegaram depois. A narrativa de Nennius sobre a chegada dos povos na ilha é cheia de misticismos, contando com feiticeiros, traições, profecias e linhagens mitológicas, como Rhea Silva, Enéias, e outras figuras mitológicas de existência no mínimo duvidosa.

Ao falar das primeiras incursões romanas à Ilha, Nennius tem uma opinião muito mais positiva dos romanos do que dos outros povos que chegarão à Ilha futuramente, ainda que considere seu governo injusto, já que Deus havia dado a terra aos bretões. A respeito dos romanos, ele fala sobre a primeira incursão de Júlio César, que, subestimando a capacidade dos habitantes nativos, fora derrotado, mas retornara alguns anos depois com toda uma frota preparada para atacar os bretões (NENNIUS, 2003). Ele continua narrando a expansão romana na Ilha e seguindo uma linha narrativa de contar o que foi feito durante o governo de cada imperador romano, dando destaque a Constâncio Cloro, que não foi imperador e sim um general, pai de Constantino o Grande, que demonstrou humanidade durante a perseguição aos cristãos e morreu em uma incursão romana contra os povos pictos e escotos (NENNIUS, 2003).

Se torna clara a tendência de Nennius de afirmar que os legítimos habitantes e governantes da ilha eram os bretões através de passagens que o próprio afirma:

"Em consequência de sua ausência, a Bretanha, sendo atacada por nações estrangeiras, teve os herdeiros legítimos e expulsos, até que Deus interpusse sua assistência (NENNIUS, 2003) ".

Ao mesmo tempo que defende o direito dos bretões de governar a ilha, ele também acusa os outros povos que habitavam a ilha desde antes da chegada dos romanos de serem bárbaros e vis, que pediam a ajuda dos romanos para enfrentarem os bretões. Segundo Nennius, após terem conseguido apoio dos pictos e escotos, os romanos trouxeram seu grande exército e subjugaram os bretões por mais de trezentos anos, ainda que não sem resistência, o clérigo afirma que várias vezes os bretões mataram o governante romano, mas que outro fora enviado no lugar.

Encerrando sobre o domínio romano, Nennius parte para sua narrativa sobre a chegada dos anglo-saxões.

“Vortinger então reinava na Bretanha. No seu tempo, os nativos tinham pavor das incursões não apenas dos escotos e pictos, mas também dos romanos, além de terem apreensão de Ambrósio. Enquanto isso, três navios, exilados da Germânia, chegaram à Bretanha. Eles eram conhecidos por Horsa e Hengist [...] (NENNIUS, 2003)”.

Nennius assim apresenta a lenda de Horsa e Hengist, apesar de não dar detalhes, ele afirma que na genealogia dos irmãos, está um deus pagão, que, “por conta de não ser o Deus Onipotente, era resultado de ídolos e, cegados por algum costume pagão, adorado como um demônio” (NENNIUS, 2003). É interessante notar que ao mesmo tempo em que afirma que os germânicos que chegaram exilados do continente eram adoradores do diabo, ele mostra sua percepção dos anglo-saxões como um todo. Para Nennius os anglo-saxões eram todos pagãos, e os que tinham se convertido não deveriam estar vivendo e governando nas terras que deveria pertencer ao povo dele, os bretões.

O autor bretão aponta que Vortinger, rei britânico, recebeu os germânicos como amigos e cedeu um pedaço de terra a eles, e pediu que em troca os germânicos lutassem contra seus inimigos (NENNIUS, 2003). Outras fontes confirmam essa parte da história contada por Nennius, os anglo-saxões chegaram na Ilha primeiro em pequenos números, contratados como mercenários ao rei Vortinger que queria ajuda para enfrentar outros povos que lutavam por domínios (GONZALES, 2015).

Nennius segue relatando sobre a chegada dos Anglo-Saxões e afirma que o número de saxões começou a crescer na Ilha, e que eles demandaram mais suprimentos do rei Vortinger, que a princípio negou, mas o ‘malicioso e perspicaz Hengist’ armou para que o rei se apaixonasse por sua filha, e assim ‘instigado pelo demônio e enamorado com a beleza da donzela, pediu-a ao pai e prometeu dar por ela qualquer coisa que desejasse’, e então Hengist pediu uma província chamada Kent (NENNIUS, 2003).

“Esta cessão foi feita sem o conhecimento do rei, Guoyrancgonus, que governava então em Kent, e que experimentou uma não desprezível partilha de dor ao ver seu reino assim clandestinamente, fraudulentamente, e imprudentemente entregue a estrangeiros (NENNIUS, 2003)”.

Para Nennius, esse acordo com os germânicos fora letal para o domínio bretão na Inglaterra, e após isso a tormenta saxã se tornou muito forte. Outras fontes que relatam sobre o período concordam que após um tempo de assentamento, os saxões passaram a chegar em cada vez maior número, o que resultou em uma batalha onde Horsa, irmão de Hengist, fora morto em 455 d.C. (GONZALES, 2015).

Todas as fontes possuem o mesmo denominador em comum, os anglo-saxões que chegaram saquearam o país de costa a costa, e os britânicos reagiram de diversas formas, alguns se renderam, outros foram escravizados (GONZALES, 2015). Fontes como Beda afirmam que os estrangeiros:

“Arrasavam os edifícios públicos e privados, assassinavam os sacerdotes no altar: bispos e outros cargos, não importava qual o alcance, foram massacrados à fogo e espada e não restou nenhum para enterrar aqueles que sofreram com mortes tão cruéis (BEDA, 1969, *apud* Gonzales, 2015, p. 29)”.

Vemos aqui que a opinião dos monges, mesmo os de origem anglo-saxã como Beda, não diferenciava de Nennius quando se trata da violência empregada pelos germânicos quando chegaram à ilha. Eles afirmavam que o modo como os saxões lidaram com os homens da igreja e a população era excessivamente violento.

Nennius continua narrando a respeito dos saxões, agora indicando a presença de São Germano de Auxerre nos conflitos. Ele conta que São Germano reprovou o que o rei Vortinger havia feito, e, ao ser apresentado ao filho de Vortinger com a filha de Hengist, tomou a criança e declarou que ele mesmo a criaria, e a criança o obedeceu. Sem saber como reagir a tal afronta, Vortinger reuniu seu conselho de sábios, que era controlado por seu sogro, e eles indicaram que ele se retirasse para uma fortaleza, e assim o rei fez, foi para o interior de seu reino e seus conselheiros apontaram um lugar e disseram para que construísse uma cidade lá, só que para conseguir deveria aspergir o solo com o sangue de uma criança sem pai (NENNIUS, 2003).

Nennius aqui demonstra uma associação dos saxões com um ritual demoníaco, um sacrifício humano e utilização do sangue para ‘consagrar’ o local. Para ele, as práticas pagãs não passavam de adoração ao demônio disfarçadas.

O menino escolhido por Vortinger para morrer, na narrativa de Nennius, acaba por ser um sábio e profeta, que aconselha o rei a não seguir os rituais pagãos e procurar outro lugar para construir sua cidadela. O filho de Vortinger, Vortimer, que São Germano reivindicou para si morreu lutando contra os germânicos, e após isso não houve como parar a invasão anglo-saxã (NENNIUS, 2003).

“E deixe aquele que lê entender que os saxões foram vitoriosos e governaram a Bretanha não por causa de sua coragem superior, mas devido aos grandes pecados dos bretões: Deus então permitiu isso (NENNIUS, 2003)”

Como Nennius é cristão, toda autoridade que existe na Terra só existe porque Deus permite que assim o seja, dessa forma, ele explica a dominação dos bretões pelos germânicos através da culpa do pecado. Os bretões pecaram e mereciam ser punidos, e a forma como Deus puniu-os fora através da chegada e governo dos anglo-saxões.

Nennius se dedica então a narrar a vida de São Patrício, e como ele fora popular e realizara milagres na Irlanda, chegando inclusive a ressuscitar pessoas, curar cegos, purificar leprosos, curar surdos, expulsar demônios. Nennius chega a comprar o santo irlandês com figuras bíblicas proeminentes como Moisés:

“São Patrício parecia-se com Moisés em quatro particularidades: o anjo falou-lhe no ramo ardente; ele vagueou quarenta dias e quarenta noites em uma montanha; ninguém conhece sua sepultura, nem onde ele está enterrado; esteve dezesseis anos como cativo (NENNIUS, 2003)”.



Sua admiração por São Patrício se dá por conta das inúmeras conversões que ele realizou na Irlanda, e não apenas batizando, mas evangelizando também. O autor narra que em um dia São Patrício converteu sete reis, e que em seu momento de morte, ele passou desse mundo para conviver com os santos e eleitos de Deus.

Nennius é o primeiro a narrar a figura de Rei Arthur de forma distinta de Ambrosio Aureliano, que ficou conhecido como ‘o último dos romanos’, um rei que exercia governo no oeste e se manteve afastado das primeiras ondas de invasões germânicas, mas que lutou contra os germânicos para que seu domínio permanecesse. Gildas narra Ambrosio Aureliano como um grande herói, que teve vitórias decisivas, entretanto, após mais uma tentativa os anglo-saxões conseguiram conquistar e saquear a região (GONZALES, 2015).

Ele descreve as batalhas que o Rei Arthur entrou e saiu vitorioso, e também como ele sempre levava a imagem da Virgem Maria, e que às vezes, apenas a visão da Santa fazia com que seus inimigos pagãos saíssem em debandada (NENNIUS, 2015).

Nennius descreve o Rei Arthur como bretão, é claro, e ele não apenas era um bom rei e bom comandante, talvez o principal para Nennius era como ele era um bom cristão. Em oposição aos seus inimigos pagãos, que adoravam o diabo e muitas vezes o autor se referiu usando termos como ‘bárbaros, vis, pecadores, violentos’, enquanto os associava com deuses germânicos e estes eram o diabo enganando os homens. O Rei Arthur, cristão, pelo contrário, era corajoso, bravo, tão valente no campo de batalha e também protegido por Deus já que não sofria nenhum ferimento.

Encerrando, Nennius faz genealogias dos reis germânicos que governaram a Bretanha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como Nennius escreve sua História dos Bretões não difere essencialmente do que outros que viveram no mesmo período e escreveram a sobre a história da Inglaterra, Gildas e Beda também trazem em sua narrativa elementos cristãos, e Gildas também crítica os pagãos anglo-saxões que derrotaram e subjugaram os bretões. Ainda, a história não era uma ciência com método na época, nem mesmo a ciência poderia ser separada da religião até o Renascimento, então a tentativa de Nennius de escrever história não pode ser descartada por ser tendenciosa.

Nennius escreve da perspectiva de um monge cristão e bretão, que vive em um dos últimos redutos bretões na Inglaterra, sendo assim ele vê dois inimigos, primeiro os pagãos e segundo os germânicos, e ele sobrepõe esses dois grupos o tempo todo. Logo no início ele já afirma que seu objetivo escrevendo essa História dos Bretões era que seu povo não fosse esquecido, ele já deixa claro sua intenção de exaltar os bretões, e ele faz isso ao longo da obra, quando afirma que eles resistiram à dominação romana, e só não venceram os germânicos porque Deus estava punindo os pecados dos bretões.

História dos Bretões, quando colocado lado a lado com outras fontes, apresenta informações confiáveis, ainda que imprecisas em relações a data, o que é compreensível graças aos diversos calendários existentes. Mas as informações caminham de encontro com o que outras fontes escritas, e mesmo arqueológicas, também indicam.

De fato, há a intenção de tratar os bretões como um povo cristão como um todo, que fora oprimido por seus inimigos, mas se manteve fiel à Deus, como ele demonstra na narrativa do Rei Arthur, que apenas com a imagem da Virgem Maria conseguia derrotar seus inimigos, ou narrando São Germano e São Patrício, este último sendo tratado como um verdadeiro Apóstolo de Cristo pelo autor.

O texto de Nennius é rico em informações que podem ser estudadas por diversos historiadores, como vem sendo feito ao longo da historiografia, podendo ser abordado de vários pontos de vista. A forma como ele retrata o já nascente mito do Rei Arthur, o reinado de Vortinger onde ele é detalhista em descrever como o rei que convidou os saxões para a Inglaterra fora ludibriado e enfeitizado pelos pagãos, a vida e obras de São Germano na Inglaterra que ele defende, entre vários outros pontos que permitem uma profunda análise historiográfica.

## REFERÊNCIAS

NENNIUS. História dos Bretões. In: COSTA, Ricardo da (org.). **Testemunhos da História: Documentos de História Antiga e medieval**. Tradução: Adriana Zierer. Vitória: Edufes, 2002. p. 209-253. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/historia-dos-bretoes-c-800>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CHARLES-EDWARDS, T M. “Wales and Mercia, 613–918”. In Brown, Michelle P; Farr, Carol Ann (eds.). **Mercia: an Anglo-Saxon kingdom in Europe**. Leicester University Press, 2001.

DAVIES, Wendy, **Wales in the Early Middle Ages**, Leicester: Leicester University Press, 1982.

DOMÍNGUEZ GONZÁLEZ, Carlos. **La Inglaterra anglosajona: una síntesis histórica** (ss. V-XI). Madrid: Ediciones de la Ergástula, 2015:

DONNARD, Ana. As fontes primárias para o estudo do mito arturiano: Breves considerações metodológicas sobre a Historia Brittonum. **Série Estudos Medievais: Fontes**, Araraquara, n. 2, 2009.

JENKINS, R. T., (1959). ELFODD, bishop (died 809).. Dictionary of Welsh Biography. Recuperado em 11 de abril de 2023, de <https://biography.wales/article/s-ELFO-DDW-0809>

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; PEREIRA NETO, J. A natureza americana nas obras Turrís Babel e Arca Nôe do jesuíta Athanasius Kircher. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. IV, p. 51- 68, 2011. Acesso online em: <http://tinyurl.com/ozzsrxux>

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of early Anglo-Saxon England**. Oxford: Taylor & Francis, 2003.